

A caligrafia que encontramos referenciada nessa logo é mundialmente conhecida como “Pixo Paulista”, existem diferentes estilos de pixações em nosso país. Elas não são encontradas em nenhum outro lugar no mundo, como por exemplo a pixação no Rio de Janeiro chamada de “Xarpi” (pixar ao contrário). Esse movimento de caligrafia começou nos anos 80, existiam pixações antes disso, mas praticamente todas tinham uma ligação com uma insatisfação política ou frases de revolta, como as pixações contra a ditadura civil militar. A partir dessa década a pixação passa a tomar conta das periferias do Brasil, tornando visível várias questões sociais antes não vistas ou ignoradas.

O pixo hoje tem grande repercussão mundial e respeito no meio artístico entre os críticos de arte pelo mundo, temos artistas como a ENERI que realiza eventos e palestras em inglês fora do país, falando sobre o movimento da pixação em São Paulo. A cidade engole as pessoas e a Pixação engole a cidade, se mostrando necessária na sociedade para dar voz a pessoas que não tem voz, uma arte criminalizada e seus autores considerados perante a lei como infratores sofrem diferentes tipos de ações de correção do estado, a fim de controle dessa prática na sociedade, como: pagamento de multas, cestas básicas, prisões ou até mesmo a morte. Realidade retardada na música de Rodrigo Ogi “Noite Fria”.

Diante de todo esse cenário, se pensou que: “Nada melhor que o estilo gráfico de representação da logo do cria ser no estilo da pixação”, pois repensar o futuro é uma tarefa até que simples, o desafio é solucionar os problemas que temos hoje na sociedade, onde não adianta pensar em um futuro tecnológico se as “quebradas” (termo que se referi as periferias das cidades) continuarem não tendo acesso as mesmas oportunidades e tecnologias que a minoria da sociedade? Entendo sobre todas as questões legais sobre a questão da pixação, mas um fato é que é um movimento que resiste a mais de 40 anos em nosso país e cada vez tem tido mais reconhecimento, alguns dessas pessoas que fazem parte desse movimento hoje em dia são considerados artistas e não bandidos, como o skate que no passado era considerado um movimento praticado por marginais e hoje é esporte olímpico. Os jovens de periferia enxergam essa questão como algo natural, até mesmo os alunos do Senac de Americana do Ensino Médio, retratam a letra do pixo em seus trabalhos escolares que são fixados nos corredores da unidade, evidenciando a força do movimento na vida das pessoas que não moram em centros urbanos e o acesso a galerias e museus de arte quase não existem. O Pixo entra como uma galeria a céu aberto para as pessoas, onde não é preciso pagar entradas ou estar alinhado com os horários de funcionamento, apresentando arte para os indivíduos de uma maneira eficaz e nada convencional, pois está na rua em todo lugar.

Por isso, não estou introduzindo a questão do Pixo no Senac, ele já existe, os alunos trazem da rua para dentro da sala de aula, o que está acontecendo aqui é a devida atenção que ele merece. Repensar o futuro em que as pessoas não sejam marginalizadas pelo sistema, que tenham a mesma possibilidade de estar presente em museus que as pessoas de outras classes sociais mais elevadas, acesso à educação e saúde de qualidade, pois do que adianta o avanço tecnológico de computadores e IA's se a periferia ainda sofre com problemas básicos?